



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Etnografismos: cartografias da pandemia

Autoria: Olivia von der Weid (UFF - Universidade Federal Fluminense), João Pedro de Oliveira Medeiros Mateus Sayão da Silva Nathália Christina Pinheiro Pinho Pedro Henrique Dutra Novaes Souza Pietracci Potira de Siqueira Faria Ra

A familiaridade de um mundo cada vez mais precariamente estável, ao qual mal estávamos acostumados, já vinha dando seus claros sinais de esgotamento. De uma hora pra outra, desabou. Nos últimos tempos experimentamos a interrupção dos fluxos, o confinamento do espaço, a suspensão da rotina, a fragilização da vida, a intensificação do aspecto mutável dos contextos, dos cenários, das previsões. Vivemos sob o medo do contágio, a sombra do fim e a suspeição do futuro. Como um dos efeitos dessa onda vemos a produção avassaladora de instabilidades em subjetividades que nem sempre estão equipadas para absorvê-las. Para atravessar o deserto sem ceder à sede do colapso e suas conhecidas patologias - medo, neurose, pânico, perda de sentido ? é possível fazer do estranhamento um ninho. Reintegrar o sensível à existência, ativar corpos capazes de serem afetados sem sucumbir, respirando possibilidades criadoras e derramando novos mundos com suas existências vivas. Etnografismos: cartografias da pandemia, é um projeto coletivo do



CONATUS (Laboratório de pesquisas sobre Corpos, Naturezas e Sentidos - GAP/UFF) que surgiu no contexto da quarentena com a proposta de nos ajudar a pausar e elaborar sentidos para o que nos acontece. Encontrar na dinâmica extra-ordinária em que vivemos palavras que possam nomear o que sentimos, a forma como a realidade atual nos expõe. Nos munimos de um conjunto aberto de ferramentas (conceitos, imagens, trechos literários, sensibilidades, materiais e grafismos) que nos convidam a reconquistar a liberdade de experimentação, mantendo ativa a escuta antropológica, povoando nosso campo de histórias, alimentando o fogo da criação de novos sentidos para o que hoje nos investe. Nos convidamos nesse projeto à desindividualização. Praticamos a colaboração em cada etapa do percurso, o desprendimento de si, a partilha dos processos, a coletivização dos meios, o desdobramento dos achados. Sem saber o que virá, improvisamos nossa itinerância, seguindo os modos do mundo à medida em que as coisas se desenrolam. Cultivamos a potência transformadora do estranhamento no cotidiano, princípio antropológico por excelência. Damos as mãos e nos lançamos na vertiginosa atividade de criação de sentidos para as turbulências que nos alcançam. O diário como ferramenta para não arrefecer diante do colapso de antigos padrões, interna e externamente constituídos. Apresentamos neste work um relato coletivo desta experiência, que vem sendo construída desde abril de 2020 por meio de reuniões regulares e do exercício criativo de grafismos e poéticas do tempo presente que também encontraram expressão no formato de um blog. Nossa escrita aqui é como a vida, porosa, movente, um work interminável em contínuo andamento.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: